

FEVEREIRO, 2021 | EDIÇÃO #19 | APERIÓDICO

BLOCO MÁGICO

BOLETIM DO CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE



Copyright: Ana Leovy (www.analeovy.com)

FREUD E VIERECK:
modalidades de gozo e
rumos da psicanálise

▪ 11

Janaina Bianchi e Coletivo
do Núcleo Dourados (MS)

O VALOR DA VIDA: 100 anos de
Além do Princípio do Prazer.
*Notas sobre a transitoriedade e o
valor da vida*

▪ 19

Lavínia C. Brito Neves

AMAR, CONSTRUIR,
TRANSMITIR

▪ 25

Rosana Coelho

SOBRE CONSTRUIR
E HABITAR

▪ 29

Sonia Leite

E mais...

EDITORIAL

Caros leitores,

desejamos que estejam todos bem, visto que iniciamos o ano de 2021 ainda impactados pelos efeitos devastadores da pandemia causada pelo Coronavírus, circundados por dor, medo, angústia, luto, isolamento, desamparo, morte e vida – em síntese, atravessados pelo real.

Com o propósito de fazer circular a transmissão da psicanálise e de propiciar a relação entre o singular e o social, consideramos oportuno publicar no Bloco Mágico 19 algumas reflexões elaboradas para a ocasião do *X Encontro Nacional e X Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – O Valor da Vida 100 anos Além do princípio do prazer*, realizado virtualmente, no período de 12 a 14 de novembro de 2020.

Abriremos nossa leitura com a bela e rara entrevista *O valor da vida*, concedida por Freud ao jornalista norte-americano George Viereck, em 1926. Como tão bem ilustra a *Convocatória* do evento, nesta conversa, o pai da psicanálise discorre sobre o bem e o mal, a vida e a morte, a alegria e a dor. Ressalta a importância da descoberta da psicanálise e a aplicabilidade do tratamento, assim como a onipresença da sexualidade na vida humana. Freud pondera, ainda, a relevância de nossas escolhas serem pautadas por um princípio ético condizente com o desejo inconsciente e com os ideais civilizatórios. E no decorrer do texto, constatamos como se mostram atuais e necessárias suas palavras: *“Tudo compreender não é tudo perdoar. A análise nos ensina não apenas o que podemos suportar, mas também o que devemos evitar. Ela nos diz o que deve ser eliminado. A tolerância para com o mal não é de maneira alguma um corolário do conhecimento”*.

A fim de rememorar alguns momentos vivenciados no *X Encontro*, convidamos à leitura de dois trabalhos apresentados cujo diálogo com a entrevista de Freud propicia ricas articulações.

O texto *Freud e Viereck: Modalidades de gozo e rumos da psicanálise*, de autoria do Coletivo do Núcleo Dourados e de Janaína Bianchi (diretora do Núcleo), a partir da conversação entre Freud e Viereck, se propõe a pensar em possíveis lugares por eles ocupados durante a entrevista – a saber, respectivamente, os de analista e analisante. Nessa proposta, os autores referenciam elementos clínicos e conceitos como *Sujeito Suposto Saber*, o laço transferencial, a demanda endereçada ao *Outro*, a função do *objeto a*, o trabalho do sintoma ao enigma, dentre outros; o que enseja formular questões acerca de modalidades de *Gozo* em Lacan, bem como os efeitos decorrentes para os rumos da psicanálise.

Em continuidade, a psicanalista Lavínia C. Brito Neve, diretora do Núcleo Barra Mansa, nos presenteia com o trabalho intitulado: *O valor da vida: 100 anos de Além do princípio do prazer – Notas sobre a transitoriedade e o valor da vida*, no qual evidencia-se a relação entre o escrito freudiano *A transitoriedade* e a entrevista *O valor da vida*, estabelecendo, assim, uma conexão entre transitoriedade e valor. Destacamos, pois, esta admirável declaração de Freud: *“O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo”*. No desencadear do artigo, uma pergunta se coloca: *“O que é aceitar a vida?”*

Ainda nesta edição, festejamos a fundação do 21º espaço de formação do Corpo Freudiano, o Núcleo Porto Alegre, ocorrida em outubro de 2020. Sua diretora, a psicanalista Rosana Coelho, nomeou o tema do evento de *Amar, Construir, Transmitir*.

Em seu texto de abertura, trilhando os ensinamentos de Freud e Lacan, enfatiza o lugar ocupado pela *transferência de trabalho* em uma Escola de Psicanálise e a formação do analista pautada pela clínica e pela teoria, atentando para os destinos do saber associados à ética, à política e ao amor. Em suas palavras: *“Cabe à instituição analítica ser um lugar que fomente a permanente experimentação e reinvenção do saber analítico, que promova a construção desse saber em bases não dogmáticas e calcadas no reconhecimento entre os pares.”*

Na sequência, publicamos o artigo da psicanalista Sonia Leite que, na ocasião, apresentou o trabalho *Sobre Construir e Habitar*. A partir de uma leitura dos pensamentos de Heidegger, Lacan e Freud, exhibe um entroncamento que faz invocar um tempo próprio de criação-construção convergente com

a questão do sujeito na psicanálise: *“As construções” em análise se revestem assim de um sentido que, também, inclui o sentido de habitar. Ou seja, construir é construir lugares para que a experiência de pertencimento se estabeleça, viabilizando a emergência do sujeito.”*

Por fim, como é de praxe, indicamos que as programações das Seções e Núcleos do Corpo Freudiano encontram-se disponibilizadas no site da Escola e também nas respectivas páginas oficiais de Facebook e Instagram.

Desejamos a todos boas leituras e reflexões!

Rio de Janeiro, fevereiro de 2021

TANIA ROSAS
Editora

BLOCO MÁGICO

Boletim de circulação interna do CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

Editora: TANIA ROSAS

Equipe: ARTHUR PEREIRA, MARIA CECÍLIA SOUSA E THOMAS SPERONI

Secretaria de Publicações: TANIA ROSAS

blocomagico@corpofreudiano.com.br

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

contato@corpofreudiano.com.br

www.corpofreudiano.com.br

BRASIL

SEÇÕES

Belém (PA)
Campos dos Goytacazes (RJ)
Cuiabá (MT)
Fortaleza (CE)
Goiânia (GO)
Imperatriz (MA)
Rio de Janeiro (RJ)
São Luís (MA)

NÚCLEOS

Barra Mansa (RJ)
Brasília (DF)
Dourados (MS)
João Pessoa (PB)
Macaé (RJ)
Nova Friburgo (RJ)
Porto Alegre (RS)
São Paulo (SP)
Teresina (PI)
Teresópolis (RJ)

Vassouras (RJ)

FRANÇA

SEÇÃO
Paris

ESTADOS UNIDOS

SEÇÃO
Boston



O VALOR DA VIDA

Entrevista de SIGMUND FREUD

A George Sylvester Viereck

“Meus 70 anos me ensinaram a aceitar a vida com alegre humildade.” Quem fala assim é o grande explorador das profundezas da alma. Não existe outro mortal que, como Freud, tenha estado tão próximo de encontrar uma explicação para o insondável mistério do comportamento humano.

Nossa conversa foi em sua residência de verão em Semmering, nos Alpes austríacos. Freud tinha a face contraída, como se estivesse sofrendo. Sua mente permanecia alerta, sua cortesia continuava impecável, mas fiquei alarmado com a pequena dificuldade que demonstrava ao falar. Tinha se submetido a uma intervenção cirúrgica devido a uma doença maligna na mandíbula superior. Desde então, leva implantado um aparelho para facilitar a articulação.

Sigmund Freud — Detesto essa mandíbula mecânica. A luta com esse mecanismo me faz desperdiçar uma energia preciosa. Mas prefiro ter uma mandíbula mecânica do que não ter nenhuma, a sobrevivência à extinção. Talvez, ao tornarem a vida impossível conforme envelhecemos, os deuses estejam mostrando compaixão. Afinal, a morte nos parece menos intolerante do que as múltiplas cargas que suportamos.

(Freud se recusa a admitir que o destino tenha sido rancoroso com ele.)

Sigmund Freud — Por que deveria esperar um tratamento especial? A velhice, com seus manifestos incômodos, chega para todos. Atinge um homem aqui e outro ali. Seus golpes sempre atingem um lugar vital e a vitória final pertence inevitavelmente ao Verme Vencedor. Não me rebelo contra a ordem universal. Afinal, vivi 70 anos. Sempre tive o suficiente para comer. Desfrutei de muitas coisas: da camaradagem de minha mulher, de meus filhos, do pôr do sol. De vez em quando, tenho a satisfação de apertar uma mão amiga. Em algumas ocasiões, encontrei seres humanos que quase chegaram a me compreender. Que mais se pode pedir?

George Sylvester Viereck — O senhor é famoso. Seu trabalho influenciou na literatura de todos os países. O homem vê a si próprio e contempla a vida com outros olhos graças ao senhor. E, por ocasião do seu septuagésimo aniversário, o mundo se uniu para prestar-lhe uma homenagem. Exceto a sua própria universidade.

Sigmund Freud — Se a Universidade de Viena me tivesse oferecido seu reconhecimento, somente teria me envergonhado. Não existe razão alguma pela qual devam reconhecimento a mim ou à minha doutrina só porque faço 70 anos. Não dou importância desmedida aos números. A fama nos chega depois da morte e, francamente, o que ocorrer depois da

minha não me preocupa. Não desejo a glória póstuma.

George Sylvester Viereck — Para o senhor não significa nada que o seu nome sobreviva?

Sigmund Freud — Nada em absoluto. O futuro dos meus filhos me interessa mais. Espero que a vida deles não seja tão dura. Eu não posso torná-la mais fácil. A guerra (Primeira Guerra Mundial) praticamente acabou com a minha modesta fortuna, a poupança de toda uma vida. Por sorte, minha velhice não é uma carga muito pesada. Meu trabalho ainda me dá prazer. [Passeávamos pelo íngreme jardim de sua casa. Freud acariciou com ternura um arbusto]. Interessa-me muito mais esta planta do que qualquer coisa que possa ocorrer quando eu esteja morto.

George Sylvester Viereck — Então, o senhor é, no fim das contas, um profundo pessimista?

Sigmund Freud — Não, não sou. Não permito que nenhuma reflexão filosófica complique minha fluidez com as coisas simples da vida.

George Sylvester Viereck — O senhor crê na continuidade do ser após a morte, seja lá de qual forma for?

Sigmund Freud — Não penso nisso. Tudo o que vive perece. Por que o homem deveria ser uma exceção?

George Sylvester Viereck — O senhor gostaria de retornar à vida de alguma forma? Em outras palavras, não deseja a imortalidade?

Sigmund Freud — Sinceramente, não. Quando alguém percebe o egoísmo por trás

de toda conduta humana, não sente o menor desejo de renascer. Me satisfaz saber que a eterna moléstia de viver chega finalmente ao fim. Nossa vida é composta, necessariamente, de uma série de compromissos. É uma luta sem fim entre o ego e o seu entorno. O desejo de prolongar a vida além do natural me parece absurdo. Não há razão para desejarmos viver mais tempo, mas são muitos os motivos para que queiramos fazê-lo com a menor quantidade possível de incômodos. Eu sou razoavelmente feliz porque agradeço a ausência de dor e desfruto dos pequenos prazeres da vida, da presença de meus filhos e das minhas flores. É possível que a própria morte não seja uma necessidade biológica. Talvez morramos porque desejamos morrer. Do mesmo modo que em nosso interior convivem simultaneamente o ódio e o amor por uma pessoa, a vida combina o desejo de sobrevivência com um ambivalente desejo de aniquilação. Como um elástico que tem a tendência de recuperar a sua forma original, a matéria viva, consciente ou inconscientemente, deseja conseguir de novo a inércia total e absoluta da existência inorgânica. O desejo de morte e o de vida convivem em nosso interior. A morte é o par natural do amor. Juntos, governam o mundo. Na sua origem a psicanálise assumia que o amor era o mais importante. Atualmente, sabemos que a morte é igualmente importante. Biologicamente, cada ser vivo, por mais forte que arda nele o fogo da vida, tende ao Nirvana, deseja que a febre chamada vida chegue ao seu fim. Podemos jogar com a ideia de que a morte nos alcança porque a desejamos. Talvez pudéssemos vencer a morte, se não fosse pelo aliado que ela tem dentro de nós. Assim, poderíamos dizer que toda morte é um suicídio encoberto.

George Sylvester Viereck — O senhor não aprova as tentativas do seu colega Steinach de prolongar o ciclo da existência humana?

Sigmund Freud — Steinach não faz nenhuma tentativa para prolongar a vida. Ele simplesmente luta contra a velhice. Ao aumentar a reserva de forças que temos dentro de nós, ele ajuda o corpo a resistir à doença. A operação de Steinach, às vezes, detém os acidentes biológicos, como o câncer, nos seus primeiros estágios. Ela torna a vida mais tolerável. Mas não a torna mais feliz. Não há razão para que o homem queira viver mais. Mas temos todas as razões para querer viver com o mínimo de desconforto possível. Sou bastante feliz, porque não sinto dores e sou grato aos pequenos prazeres da vida, aos meus filhos e às minhas flores!

George Sylvester Viereck — Bernard Shaw afirma que vivemos muito pouco. Ele encontra que o homem pode prolongar a vida se assim o quiser, levando sua vontade a agir sobre as forças da evolução. Ele acredita que pode recuperar a longevidade dos patriarcas.

Sigmund Freud — É possível que a morte em si não seja uma necessidade biológica. Talvez morremos porque desejamos morrer. Assim como o amor e o ódio por uma pessoa vivem em nosso peito ao mesmo tempo, toda a vida é uma mistura do desejo de viver com o desejo ambivalente de morrer. Do mesmo modo que um pequeno elástico tende a assumir a forma original, toda matéria viva, consciente ou inconscientemente, busca readquirir a completa, absoluta inércia da existência inorgânica. A pulsão de vida e a pulsão de morte convivem lado a lado dentro de nós. A Morte é a companheira do Amor. Juntos,

eles regem o mundo. Isto é o que diz o meu livro, *Além do princípio do prazer*. No início da psicanálise, se supunha que o Amor era o mais importante. Agora sabemos que a Morte é igualmente importante. Biologicamente, todo ser vivo, não importa quão intensamente a vida arda dentro dele, anseia pelo Nirvana, pelo fim da febre chamada vida. O desejo pode ser disfarçado por digressões. Entretanto, o objetivo final da vida é a própria extinção!

George Sylvester Viereck — Isso é a filosofia da autodestruição. Ela justifica o autoextermínio. Levaria à conclusão lógica do suicídio mundial previsto por Eduard von Hartmann.

Sigmund Freud — A humanidade não escolhe o suicídio, porque as leis da sua natureza não aprovam o caminho direto para seu próprio fim. A vida deve completar o seu ciclo de existência. Em todo ser normal, a pulsão de vida é forte o bastante para contrabalancear a pulsão de morte, embora, no final, esta prove ser mais forte. Podemos nos entreter com a fantasia de que a morte nos chega por nossa própria vontade. Seria mais possível que não pudéssemos vencer a morte porque, na realidade, ela é uma aliada dentro de nós. Neste sentido, (acrescentou Freud com um sorriso) pode ser justo dizer que toda morte é um suicídio disfarçado.

(Estava fazendo frio no jardim. Continuamos a conversa na antessala. Vi uma pilha de manuscritos sobre a mesa, com a caligrafia clara de Freud).

George Sylvester Viereck — Em que o senhor está trabalhando?

Sigmund Freud — Escrevo uma defesa da psicanálise secular. Pretendem tornar ilegal a prática por pessoas que não sejam

médicos em exercício. A história, essa velha plagiária, se repete sempre que há uma descoberta. Inicialmente, os doutores se opõem impetuosamente a toda verdade nova. Imediatamente depois, tentam monopolizá-la.

George Sylvester Viereck — O senhor teve muito apoio dos leigos?

Sigmund Freud — Alguns dos meus melhores discípulos são leigos.

George Sylvester Viereck — O senhor tem praticado muito a psicanálise?

Sigmund Freud — Certamente. Neste momento, estou trabalhando em um caso muito difícil, tentando desatar conflitos psíquicos de um paciente novo interessante. Minha filha também é psicanalista como o senhor pode ver.

(Nesse momento, apareceu Anna Freud, acompanhada de seu paciente, um jovem de onze anos, de feições inconfundivelmente anglo-saxônicas).

George Sylvester Viereck — O senhor já se analisou?

Sigmund Freud — Obviamente. O psicanalista deve analisar-se constantemente. Aumenta nossa capacidade de analisar os outros. O psicanalista é como o bode expiatório dos hebreus. Os demais depositam nele os seus pecados. Ele deve praticar sua arte com perfeição para liberar-se dos fardos carregados sobre ele.

George Sylvester Viereck — Sempre pensei que a psicanálise necessariamente induzisse naqueles que a praticam a caridade cristã. Não há nada na existência humana que a psicanálise não nos ajude a compreender.

Sigmund Freud — Compreender tudo não é perdoar tudo. A psicanálise ensina que devemos evitar. Tolerar o mal não é em absoluto um corolário do conhecimento. Meu idioma é o alemão. Minha cultura e minhas conquistas são alemãs. Intellectualmente, me considerei alemão até perceber que os preconceitos antissemitas iam aumentando na Alemanha e na Áustria. A partir de então, deixei de considerar-me alemão. Prefiro definir-me como judeu.

(Senti-me decepcionado. Ao meu ver, o espírito de Freud devia voar mais alto, acima de qualquer preconceito racial, e permanecer à margem do rancor pessoal. Não obstante, sua indignação, sua justa cólera, o faziam humanamente muito mais atraente).

George Sylvester Viereck — Agrada-me descobrir, professor, que o senhor também tem seus complexos e que demonstre que também é um mortal.

Sigmund Freud — Nossos complexos são a causa de nossa fraqueza; mas também, constantemente, são a nossa fortaleza.

George Sylvester Viereck — Imagino quais seriam meus complexos!

Sigmund Freud — Uma análise séria dura mais ou menos um ano. Pode durar igualmente dois ou três anos. O senhor está dedicando muitos anos da sua vida à “caça dos leões”. O senhor procurou sempre as pessoas destacadas da sua geração: Roosevelt, O Imperador, Hindenburg, Briand, Foch, Joffre, Georg Bernard Shaw...

George Sylvester Viereck — Faz parte do meu trabalho.

Sigmund Freud — Mas também é sua preferência. O grande homem é um símbolo. Sua busca é a busca do seu coração. O senhor também está procurando o grande homem para tomar o lugar de seu pai. Faz parte do seu complexo com seu pai.

(Neguei veemente a afirmação de Freud. Entretanto, refletindo sobre isso, me parece que pode haver uma verdade, insuspeita para mim, em sua sugestão casual. Pode ser o mesmo que o impulso que me levou a ele).

George Sylvester Viereck — No seu trabalho “O Judeu Errante”, o senhor estende essa busca ao passado. O senhor é o eterno Explorador do Homem. Gostaria – observei após um momento – poder ficar aqui o bastante para vislumbrar meu coração através dos seus olhos. Talvez, como a Medusa, eu morresse de pavor ao ver minha própria imagem! Entretanto, acho que conheço bastante a psicanálise. Eu iria prever, ou tentar prever, as suas intenções.

Sigmund Freud — A inteligência em um paciente não é um impedimento. Pelo contrário, muitas vezes, facilita o trabalho.

(Neste ponto, o mestre da psicanálise difere bastante de seus seguidores, que não gostam muito da segurança do paciente que têm sob sua supervisão. A maioria dos psicanalistas emprega o método da “livre associação” de Freud. Eles encorajam o paciente a dizer qualquer coisa que lhes venha à cabeça, não importando o quanto o que dizem possa ser idiota, obsceno, inoportuno ou irrelevante. Seguindo pistas que parecem não ter importância, encontram os dragões psíquicos que assustam o paciente, afugentando-os. Eles não apreciam o desejo de cooperação ativa do paciente, pois têm medo que, quando

descoberta a direção da sua investigação, os desejos e a resistência do paciente lutem inconscientemente para manter seus segredos, desviando o caçador psíquico da sua pista. Freud também reconhece esse perigo).

George Sylvester Viereck — Algumas vezes, me pergunto se não seríamos mais felizes sabendo menos dos processos que dão forma aos nossos pensamentos e emoções. A psicanálise rouba da vida seu último encanto, ao relacionar cada sentimento ao seu grupo original de complexos. Não nos tornamos mais felizes descobrindo que todos abrigamos o criminal e o animal dentro de nós.

Sigmund Freud — O que você tem contra os animais? Eu prefiro muito mais a companhia dos animais.

George Sylvester Viereck — Por quê?

Sigmund Freud — Porque são muito mais simples. Não têm uma personalidade dividida, não sofrem a desintegração do ego que surge da tentativa do homem de adaptar-se à regras da civilização. O selvagem, como a besta, é cruel, mas está livre da mesquinha própria do ser civilizado. A mesquinha é a maneira que o homem tem para vingar-se da sociedade pelas restrições que esta lhe impõe. É o sentimento vingativo que anima o reformista e o fofoqueiro. Um selvagem pode nos cortar a cabeça, nos devorar, nos torturar, mas nos poupará das pequenas e contínuas ferroadas que, às vezes, fazem que a vida em uma comunidade civilizada seja quase intolerável. Os hábitos e idiosincrasias mais desagradáveis do homem, sua falsidade, sua covardia, sua falta de respeito, são produtos de uma adaptação

incompleta a uma civilização complexa. São o resultado do conflito entre nossos instintos e nossa cultura. Muito mais satisfatórias resultam as simples e intensas emoções de um cachorro que agita o rabo quando está contente ou late para manifestar irritação!

George Sylvester Viereck — Meu cachorro é um doberman Pinscher chamado Ájax.

Sigmund Freud — (sorrindo) Me alegra saber que não possa ler. Ele seria certamente o membro menos querido da casa se pudesse latir suas opiniões sobre os traumas psíquicos e o complexo de Édipo!

George Sylvester Viereck — Talvez o senhor seja o responsável, ao menos em parte, pelas complicações da civilização moderna. Antes da invenção da psicanálise, não sabíamos que nossa personalidade está sob o domínio de uma beligerante hoste de complexos. A psicanálise converteu a vida em um complicado quebra-cabeça.

Sigmund Freud — Em absoluto. A psicanálise simplifica a vida. Depois de analisarmos, conseguimos uma nova síntese. A psicanálise reorganiza o labirinto de impulsos dispersos e tenta encaixá-los na meada a que pertencem. Ou, para mudar de metáfora, proporciona o fio que permite ao homem sair do labirinto de seu próprio inconsciente.

George Sylvester Viereck — Ao menos superficialmente, parece que a vida humana nunca foi tão complexa. Cada dia, uma nova ideia proposta pelo senhor ou por seus discípulos torna o problema do comportamento humano mais intrigante ou mais contraditório.

Sigmund Freud — A psicanálise, pelo menos, jamais fecha a porta de uma nova verdade.

George Sylvester Viereck — Alguns de seus alunos, mais ortodoxos que o senhor, se agarram a cada pronunciamento que sai de sua boca.

Sigmund Freud — A vida muda. A psicanálise também muda. Estamos apenas no começo de uma nova ciência.

George Sylvester Viereck — Tenho a impressão de que a estrutura científica que o senhor construiu é altamente elaborada. Seus elementos fixos (a teoria da 'substituição', da 'sexualidade infantil', a 'simbologia dos sonhos' etc.) parecem inamovíveis.

Sigmund Freud — Eu repito, pois, que estamos apenas no início. Sou apenas um principiante. Consegui desenterrar monumentos enterrados nos substratos da mente. Mas ali onde eu descobri alguns templos, outros poderão descobrir continentes.

George Sylvester Viereck — Continua pondo o máximo de ênfase no sexo?

Sigmund Freud — Respondo com as palavras do grande poeta, Walt Whitman: "Mas não haveria nada, se não houvesse o sexo". Entretanto, já lhe expliquei que agora ponho a ênfase quase igualmente àquilo que está "mais além" do prazer – a morte, a negociação da vida. Este desejo explica porque alguns homens amam a dor – ela representa um passo para a morte. O desejo da morte explica por que todos os homens procuram o descanso eterno, por que os poetas agradecem:

“Onde quer que os deuses estejam,
 Não há vida que viva para sempre
 Os homens mortos nunca renascem,
 E até o rio mais enfastiado
 Segue confiante na direção do mar”.

George Sylvester Viereck — Shaw, como o senhor, não deseja viver para sempre, mas, diferentemente do senhor, ele considera o sexo desinteressante.

Sigmund Freud — (sorrindo) Shaw não compreende o sexo. Ele não tem nem a mais remota concepção do amor. Não há um verdadeiro caso amoroso em nenhuma de suas peças. Ele transforma em humor o amor de Julio César – talvez a maior paixão da história. Deliberadamente, talvez maliciosamente, ele despoja a Cleopatra de toda grandeza, rebaixando-a a uma moça simples e insignificante. A razão para a estranha atitude de Shaw frente ao amor, pela sua negação do móbil de todas as coisas humanas que emanam de suas peças, apesar de seu enorme alcance intelectual, é inerente à sua psicologia. Em um de seus prefácios, ele mesmo enfatiza o traço ascético de seu temperamento. Posso ter cometido muitos erros, mas estou completamente seguro de que não me equivoquei ao considerar predominante o instinto sexual. Dado que se trata de um instinto tão poderoso, choca-se com especial frequência com as convenções e salvaguardas da civilização. Como mecanismo de autodefesa, a humanidade tenta negar a sua suprema importância. Analise qualquer emoção humana, não importa o quão distante pareça estar da esfera sexual, e seguramente descobrirá em algum lado o impulso primário, ao qual a própria vida deve a sua perpetuação.

George Sylvester Viereck — O senhor, sem dúvida, foi bem seguido ao transmitir esse ponto de vista aos escritores modernos. A psicanálise deu novas intensidades à literatura.

Sigmund Freud — Também recebi muito da literatura e da filosofia. Nietzsche foi um dos primeiros psicanalistas. É surpreendente ver até que ponto sua intuição prenuncia as novidades descobertas. Ninguém além dele identificou mais profundamente os motivos duais do comportamento humano e da insistência do princípio de prazer em predominar indefinidamente. Em Zaratrusta diz:

“Desgraça
 Grite: Vá
 Mas o prazer implora por eternidade,
 Implora insaciável, profunda eternidade”.

A psicanálise pode ser menos discutida na Áustria e na Alemanha que nos Estados Unidos, mas sua influência sobre a literatura é imensa. Thomas Mann e Hugo Von Hofmannsthal nos devem muito. Schnitzler acompanha em grande medida um caminho que é paralelo ao meu próprio. Ele expressa poeticamente o que eu tento comunicar cientificamente. Mas o Dr. Schnitzler não é só um poeta, é também um cientista.

George Sylvester Viereck — O senhor não só é um cientista, mas, também, um poeta. A literatura americana está impregnada pela psicanálise. Rupert Hughes, Harbrey O’Higgins e outros são seus intérpretes. É quase impossível abrir um novo romance sem encontrar alguma referência à psicanálise. Entre os dramaturgos Eugene O’Neill e Sydney Howard têm uma grande dívida com o senhor. “The Silver Cord” por

exemplo é simplesmente uma dramatização do complexo de Édipo.

Sigmund Freud — Eu sei e entendo o cumprimento que há nessa afirmação. Mas tenho certa desconfiança de minha popularidade nos Estados Unidos. O interesse americano pela psicanálise não se aprofunda. A popularização leva a psicanálise à aceitação sem que a estudem seriamente. As pessoas apenas repetem as frases que aprendem no teatro ou nas revistas. Acham que compreendem algo da psicanálise porque conseguem repetir nosso jargão. Eu prefiro o estudo mais intenso da psicanálise, tal como ocorre nos centros europeus, ainda que os Estados Unidos sejam o primeiro país a reconhecer-me oficialmente. A Clark University me concedeu um diploma honorário quando eu ainda era ignorado na Europa. Entretanto, os Estados Unidos fazem poucas contribuições originais à psicanálise. Os americanos são generalizadores inteligentes, raramente pensadores criativos. Os médicos nos Estados Unidos, e ocasionalmente também na Europa, monopolizam para si a psicanálise. É sempre um impedimento quando certas concepções científicas tradicionais estão arraigadas no cérebro.

(Freud tem que dizer a verdade a qualquer preço! Ele não pode se obrigar a agradar os Estados Unidos, onde está a maioria de seus seguidores. Apesar da sua rudeza, Freud é a

urbanidade em pessoa. Ele ouve pacientemente cada intervenção, procurando nunca intimidar o entrevistado. É raro um visitante partir sem um presente, algum de sinal de hospitalidade! Havia escurecido. Estava na hora de pegar o trem de volta à cidade que uma vez abrigara o esplendor imperial dos Habsburgo. Acompanhado de sua esposa e de sua filha, Freud subiu a escada que o afastava de seu refúgio na montanha para se despedir de mim. Ele me pareceu cansado e triste ao me dar adeus).

Sigmund Freud — Não me faça parecer um pessimista. Não desprezo o mundo. Mostrar desprezo ao mundo é só uma forma a mais de adular-lo para obter reconhecimento. Não, não sou pessimista, não enquanto tiver meus filhos, minha mulher e minhas flores. E não me sinto infeliz. Ao menos, não mais do que os outros.

(O apito do meu trem soou na noite. O carro me conduzia rapidamente para a estação. Apenas consegui ver Sigmund Freud ligeiramente curvado e a cabeça grisalha que desapareciam à distância. Como Édipo, Freud olhou fundo nos olhos da Esfinge. O monstro propõe seu enigma para qualquer viajante. O andarilho que não souber a resposta será cruelmente agarrado e atirado contra as rochas. Mesmo assim, ela talvez seja mais gentil com aqueles que destroem do que com os que adivinham seu segredo.).

Entrevista feita por George Sylvester Viereck, em 1930, e publicada no livro "Glimpses of the Great". No Brasil, a entrevista foi publicada originalmente no livro "A Arte da Entrevista: Uma Antologia de 1823 aos Nossos Dias", organizado por Fábio Altman (Scritta, 1995). Esta edição, republicada pela "Revista Bula", foi publicada no jornal "Folha de S. Paulo", em 1998, com tradução de Claudia Rossi.

FREUD E VIERECK: MODALIDADES DE GOZO E RUMOS DA PSICANÁLISE

Por JANAINA BIANCHI e
COLETIVO DO NÚCLEO DOURADOS (MS)

Entre as preciosidades encontradas na biblioteca da *Sociedade Sigmund Freud*, verificou-se uma rara entrevista de Freud denominada “O Valor da Vida”, concedida ao jornalista americano George Sylvester Viereck, em 1926. É diante da beleza dessa entrevista que o Núcleo Dourados – MS se lança a escutar possíveis lugares ocupados por Freud e Viereck numa cena um tanto quanto sugestiva, particularmente no que diz respeito a elementos como: o lugar do Sujeito Suposto Saber; o laço transferencial; a demanda endereçada ao Outro; a função de objeto *a*; o trabalho do sintoma ao enigma; a insistência do significante na transferência e outros. Nesta direção, surge a questão: estaríamos diante de uma típica relação transferencial encontrada num trabalho realizado por um par analítico? A partir daí, nos propomos a desenvolver a leitura de tais elementos clínicos articulados aos conceitos de modalidades de Gozo, de Jacques Lacan, bem como trabalhar os efeitos dessa entrevista entre Freud e Viereck, no que diz respeito aos rumos da psicanálise.

Talvez seja interessante, antes de mais nada, mencionar aqui quem foi essa curiosa figura a quem Freud concedeu sua rara entrevista. Viereck foi um poeta germano-americano, escritor e propagandista pró-alemão. O auge

de sua popularidade foi entre 1907 e 1912, quando suas obras chamavam a atenção para um subjetivismo extremo e uma preocupação narcísica consigo mesmo, além de um excesso de ostentação de suas metáforas. Envolveu-se em movimentos políticos e sociais germano-americanos instigado por seu pai e, em 1914, ajudou propagandistas alemães enviados aos Estados Unidos para promover a simpatia pela causa alemã. No entanto, assim que se evidenciou a guerra, alterou seu tom para mostrar lealdade à causa americana. Havia uma tendência amoral e ambivalente em Viereck que aparecia, por exemplo, no fato de em 1920 ter escrito artigos refletindo simpatia por Hitler, ao mesmo tempo em que mostrava profundo respeito por Freud e Einstein. Em 1923, entrevistou Hitler e em 1926, Freud. Após a ascensão de Hitler ao poder, Viereck serviu como publicitário propagandista da Alemanha nazista. Também se envolveu com negócios escusos em que buscava ocultar sua identidade, de modo que veio a ser preso em 1941, conseguindo liberdade somente em 1947. Neste período, perdeu posses, o casamento e o próprio filho (JOHNSON, 1969, KELLER, 1971).

Esclarecidos estes pontos, voltemos à entrevista. Freud, aos 70 anos, recebe

Viereck já demonstrando, de saída, o valor singular e apreciação que dá à vida: “Ainda prefiro a existência à extinção”. E prossegue: “Setenta anos ensinaram-me a aceitar a vida com serena humildade.” (VIERECK, 1926, p. 4). Freud se recorda das coisas agradáveis que a vida lhe trouxe e demonstra não se apropriar dos méritos alcançados, recusando a glória que lhe conferem. Diz não permitir que reflexões filosóficas estraguem a fruição das coisas simples da vida. E pontua: “Se reconhecemos os motivos egoístas por trás de toda conduta humana, não temos o mínimo desejo de voltar.” (*idem*, p. 6).

Dado esse encontro, podemos dizer que Viereck se endereça a Freud colocando-o no lugar de Sujeito Suposto Saber, pois escolhe entrevistá-lo como sendo um dos grandes homens de seu tempo. Em decorrência da condição falante do ser humano, sabemos que é impossível eliminar o fenômeno da transferência de qualquer relação social, de modo que, a partir dessa premissa, é possível constatar que Viereck entrevistava sujeitos aos quais ele supunha um saber – o que de fato, era confirmado por ele de forma consciente. Oportunamente, nas palavras de Maurano (2018):

É a esse Outro que nos dirigimos, como se ele fosse a garantia do bom andamento das coisas, lugar de onde emanaria a verdade última de nós mesmos. É essa suposição de um saber no Outro que Lacan localiza como pivô do deslançamento da transferência, via pela qual o analista vem a encarnar a função de sujeito suposto saber (MAURANO, 2018, p. 26).

Pois bem; ao longo da entrevista, iremos verificar um nítido endereçamento

transferencial de Viereck a Freud, tanto que notaremos que Freud toma esse lugar que lhe é designado e assim passa a responder seu entrevistador do lugar de analista, produzindo, então, uma verdadeira torção, um furo no saber suposto. Isto é, Freud se apresenta como um mestre, sim, porém, um mestre castrado, apontando a Viereck que pode haver algo para além de suas pretensas fixações imaginárias. Isso se constata em vários momentos ao longo da entrevista; lembrando que esta ocorreu exatamente em meio ao período em que Viereck estava iniciando seu envolvimento com o movimento nazista.

Sobre Viereck, em uma publicação de 1952, pela *Fawcett Publications*, foi colocada a seguinte percepção após sua saída do período de prisão:

Viereck era um homem mais pobre, porém mais sábio, quando recuperou a liberdade em 1947. Ele perdeu um pouco de seu egocentrismo, aprendeu a ter paciência, ganhou maior respeito pela raça negra e cultivou um senso de humor. Ele também expressou seu pesar, embora com reservas, por seu juízo errado sobre os nazistas [...] Mas é duvidoso que tenha se arrependido de fato [...] Sua morte ocorreu em 1962, como resultado de uma hemorragia cerebral massiva. (JOHNSON, 1968, p. 34-36)¹

O que, então, desse breve relato sobre a história de Sylvester Viereck pode-se articular com a teoria psicanalítica e com o que Freud demonstrou, em ato, na entrevista a ele concedida? Colocam-se, a partir daqui, algumas hipóteses:

É adequado lembrarmos que Viereck já havia entrevistado Hitler e outros quando veio a entrevistar Freud. E também é

¹ Tradução nossa: “Viereck was a poorer but wiser man when he regained freedom in 1947. He lost some of his egocentricity, learned patience, gained greater respect for the Negro race, and cultivated a face-saving sense of humor. He also expressed his regret, although with reservations, over

his misjudgment of the Nazis [...] But it is doubtful that Viereck ever fully repented. [...] Viereck's end came in 1962 as a result of a massive cerebral hemorrhage.” (JOHNSON, 1968, pp. 34-36).

importante ressaltar que ele buscava o mestre nos homens que entrevistava, de modo que suas perguntas já eram formuladas visando respostas que confirmassem a mestria suposta ali. Vejamos:

O senhor teve a fama. Sua obra influi na literatura de cada país. O homem olha a vida e a si mesmo com outros olhos, por causa do senhor. E recentemente, no seu septuagésimo aniversário, o mundo se uniu para homenageá-lo – com exceção da sua própria universidade! (VIERECK, 1926, p. 5).

Questão que evidencia o significante “fama” e denota a transferência de Viereck para com Freud, supondo que o grande Outro se destaca por possuir um saber a mais. Ao que Freud responde:

Se a Universidade de Viena me demonstrasse reconhecimento, eu ficaria embaraçado. Não há razão por que deveriam aceitar a mim e a minha obra porque tenho setenta anos. Eu não atribuo importância insensata aos decimais. A fama chega apenas quando morremos e, francamente, o que vem depois não me interessa. Não aspiro à glória póstuma. Minha modéstia não é virtude. (idem, p. 5).

Ao longo de toda entrevista, verificaremos o esforço de Freud em pontuar o quanto determinados atravessamentos são necessários para que haja deslocamentos de certas posições imaginárias e reforçadoras de ego. O Pai da psicanálise comparece em vários momentos da entrevista “furando” as posições imaginárias de Viereck e apontando para uma outra direção, como, por exemplo, quando diz:

Minha língua é o alemão. Minha cultura, minhas realizações são alemãs. Eu me considerava intelectualmente alemão, até que notei o crescimento do preconceito antissemita na Alemanha e na Áustria alemã. Desde então, prefiro denominar-me judeu (idem, p. 8).

No entanto, Viereck parece não apreender a magnitude daquilo que Freud diz, pois faz

uma leitura deste a partir do ponto imaginário onde ele mesmo se encontra, de modo que, desapontado, refletirá: “Freud deveria habitar as alturas, para além de qualquer preconceito de raça, que deveria ser imune a qualquer rancor pessoal.” (*idem*, p. 8) E segue respondendo a Freud, buscando disfarçar suas impressões: “Fico contente (...) de que também o senhor tenha seus complexos, de que também o senhor demonstre que é um mortal!” (*idem*, p. 8). Pontuação que denota que Viereck interpreta a posição de Freud como sendo da ordem de um fracasso, e não uma posição desejante de alguém que escolheu se situar a partir do furo no saber e de uma posição não-toda fálica, extraíndo daí uma outra modalidade de gozo, um gozo Outro.

Viereck – com certas posturas tomadas ao longo de sua vida e, em especial, neste momento em que entrevista Freud – evidencia seu modo de encarar a existência: apoiando-se muito mais em um ideal imaginário de completude e em um discurso absolutista e fálico, evidenciando certa dificuldade de apreensão de tudo que pudesse vir a dar notícias de algo que descortinasse alguma transcendência desta proposta, o que, de certa forma, nos faz lembrar o movimento imperioso da pulsão de morte em sua modalidade de gozo fálico, buscando extrair satisfação imediata de sua fantasia de completude. Quando Freud lhe interpela, afirmando que o jornalista busca em grandes homens a figura de seu pai, este, por sua vez, notará:

Neguei veementemente a afirmação de Freud. No entanto, refletindo sobre isso, parece-me que pode haver uma verdade, ainda não suspeitada por mim, em sua sugestão casual. Pode ser a mesma atração que me levou a ele. (Idem, p. 8).

Porém, o analisante/entrevistador Viereck retoma sua resistência, reafirmando a suposição de saber ao analista:

Costaria (observei após um momento) de poder ficar aqui o bastante para vislumbrar o meu coração através dos seus olhos. Talvez, como a Medusa, eu morresse de pavor ao ver minha própria imagem! Entretanto, receio ser muito informado sobre a psicanálise. Eu frequentemente anteciparia, ou tentaria antecipar, suas intenções. (Idem, p. 8).

Freud, mostrando de fato ser o Pai da psicanálise e descobridor do continente obscuro que é o inconsciente, dirá sem titubear: “A inteligência, num paciente, não é um empecilho. Pelo contrário, às vezes facilita o trabalho.” (*idem*, p. 8). Viereck, insistindo ainda mais fortemente em sua paixão pela ignorância, protestará:

Às vezes, imagino se não seríamos mais felizes caso soubéssemos menos dos processos que dão forma a nossos pensamentos e emoções. A psicanálise rouba à vida seu último encanto, ao relacionar cada sentimento ao seu grupo original decomplexos. Não nos tornamos mais alegres descobrindo que nós todos abrigamos em nossos corações o selvagem, o criminoso e o animal. (idem, p. 9).

Freud, com sutil familiaridade aos processos inconscientes pontuará: “Que objeção pode haver contra os animais? Eu prefiro a companhia dos animais à companhia humana.” (*idem*, p. 9). E esclarecerá que o ser humano, ao tentar se ajustar de forma precária a uma civilização complicada, adquire muitos complexos; enquanto o animal, que pode viver sua animalidade sem restrições, seria um ser mais simples. Poderia ser este um convite de Freud a seu novo analisante/entrevistador para que visse a parte selvagem de si mesmo com outros olhos?

Conforme demonstrado, Freud não aceita o lugar que lhe impõe Viereck, não responde

às suas investidas fálicas e se situa em um lugar Outro, que não o da lei nem o do falo. A posição de Freud poderia ser articulada a uma outra modalidade de Gozo? Uma que vise o não-todo? Em seu *Seminário livro 20*, “Mais, ainda”, Lacan aponta para esse Gozo suplementar, que está para além do falo, onde a relação sexual não há, colocando um limite ao gozo fálico (LACAN, 1972-73/1993).

Freud, como os grandes homens de sua época, os quais Viereck entrevistará, estava neste lugar de Sujeito Suposto Saber, que é um efeito de discurso. Todavia, não se identificará com este lugar, pois, como podemos ver ao longo da entrevista, se situará em um lugar não-todo, lugar da falta, do furo.

Neste mesmo movimento, Freud se questiona ainda:

Talvez morramos porque desejamos morrer. Assim como amor e ódio por alguém habitam nosso peito ao mesmo tempo, assim também toda vida conjuga o desejo de manter-se e um anseio pela própria destruição (...) A pulsão de vida e a pulsão de morte habitam lado a lado (...) Juntas, elas regem o mundo. (VIERECK, 1926, p. 6).

O que Freud assegura é que não há suicídio em massa porque a pulsão de vida é forte o suficiente para contrabalançar a pulsão de morte, embora, ao final, a última resulte mais forte. Dirá que existe uma grande força naquilo que está para além do princípio do prazer, a saber, a morte. Afirmará que isso explica porque alguns homens amam a dor e todos buscam o descanso. Mencionará as palavras dos poetas:

Quaisquer deuses que existam/ Que vida nenhuma viva para sempre/ E também o rio mais cansado/Deságue tranquilo no mar (como citado em VIERECK, 1926, p. 10).

Poderíamos, então, correlacionar a posição de Freud à do místico, que também, por sua vez goza em um Outro lugar... não-todo? Notamos que isso se verifica claramente no poema de Santa Teresa, que tem por título “Aspirações à vida eterna”, no qual observamos que vida e morte entrelaçadas se apresentam²:

*Vivo sem em mim viver
E tão alta vida espero,
Que morro de não morrer.
[...]
Só vivo pela confiança
De que um dia hei de morrer;
Morrendo, o eterno viver
Tem por seguro a esperança.
Ó morte que a vida alcança,
Não tardes em me atender,
Que morro de não morrer.*

No místico, vida e morte andam de mãos dadas, pois a vida não é tomada para si, mas entregue à morte de modo que em vida, não vivendo, o místico goza. Goza do que não está aqui, mas está lá... mais além.

O psicanalista é como o bode expiatório dos hebreus dirá Freud a Viereck:

Os outros descarregam seus pecados sobre ele. Ele deve praticar sua arte à perfeição, para desvencilhar-se do fardo jogado sobre ele.(VIERECK, 1926, p. 7).

Em *Televisão*, Lacan afirmará que o analista seria como o santo, no sentido de ser o rebotalho (o resto) do mundo:

Na verdade, o santo não se considera a partir de méritos, o que não quer dizer que ele não tenha moral [...] quanto mais somos santos mais rimos, é meu princípio, e até mesmo a saída do discurso capitalista - o que não constituirá um progresso se for somente para alguns (LACAN, 1974/2003b, p. 33-34).

O analista deve ser aproximado do santo no sentido em que ele não faz caridade, mas, sim, “descaridade”, se oferecendo como causa do desejo, como objeto a. O mal-estar na civilização deve ser colocado na conta do inconsciente na medida em que ele não pode dar corpo a uma fórmula que seja a da relação entre os sexos. Por ter uma chance de fazer o *fala-ser* sair desse assujeitamento, o psicanalista deve recolocar a castração em seu lugar e conduzir o sujeito à verdade singular de seu gozo. O santo consegue isso fazendo-se realmente de rebotalho do gozo do Outro, fornecendo significante “para fritar”, enquanto o analista, e é aí que a comparação termina, não faz senão semblante deste rebotalho, em outras palavras, de objeto a (LACAN, 1970/2003a, p. 412).

Em uma operação que atinge a morte (queda de gozo) em vida, o santo é o resto que acolhe em seu corpo os pecados do mundo. Já o analista – tendo levado sua análise pessoal até um ponto avançado no qual este resto alcançado por seu dizer possa fazer com que o resto produzido nesta operação lhe sirva de tal modo – é aquele que pode ser o próprio resto encarnado, objeto a, causa de desejo a um outro que venha a procurar sua escuta.

Na investigada cena, o entrevistador de Freud entra em um movimento analítico endereçado ao entrevistado/analista e passa, então, a trazer à tona suas impressões acerca da psicanálise. Viereck dirá a Freud que a psicanálise lhe parece ser da ordem da caridade cristã, uma vez que não existiria nada na vida humana que a psicanálise não pudesse compreender. Freud, que nunca

² O poema pode ser acessado na íntegra através do link: <https://www.salusincaritate.com/2018/12/poemas-de-santa-teresa-davila.html>

aceitou que sua descoberta fosse correlacionada à religião, reagiu imediatamente dizendo: “Tudo compreender não é tudo perdoar. A tolerância para com o mal não é de modo algum o corolário para o conhecimento” (VIERECK, 1926, p. 7). Essa pontual intervenção de Freud nos lembra Antígona, que poderíamos também considerar como alguém que vivenciou, a seu modo, essa operação de suportar (no sentido de ser o suporte) com o próprio corpo os restos de sua linhagem.

Segundo Lacan (1959-60/1991), Antígona age sem temor e sem piedade. Resolve, diante de uma injustiça, fazer justa a morte de seu irmão em oposição a um decreto do rei Creonte, que defende a lei dos homens, a lei escrita, acima de tudo e todos. Antígona se opõe a essa lei da *pólis* e dos deuses de seu povo, sustentando um ato subversivo e pagando por ele com a própria vida, sendo colocada em uma caverna fechada até a morte, ou seja, ficando emparedada. Ela se apresenta como *autônomos*, pura e simples relação do ser humano com aquilo que ocorre de ele ser miraculosamente portador, ou seja, do corte significativo, que lhe confere o poder intransponível de ser o que é, contra tudo e contra todos (LACAN, 1959-60/1991, p. 333).

Para a psicanálise, o desejo do desejo é aquilo que nos constitui enquanto seres de linguagem. Antígona representa o desejo porque ela é o desejo encarnado. Não se trata do desejo enquanto predicado. A paixão contra a qual Antígona se insurge é a paixão da ignorância. Ela não é movida pelo amor cristão, nem por compaixão nem por medo. A fala de Freud, atestando que tudo compreender não é tudo perdoar, nos indica que é dever do psicanalista se posicionar

contra a paixão da ignorância e fazer disso um ato político.

Foi se posicionando desta forma, que Freud, diante de tantas investidas de Viereck, consegue brilhantemente apontar para o furo no saber, que tanto o jornalista visa tamponar. Assim, Viereck em sua relutância, pergunta: “Não significa nada o fato de que o seu nome vai viver?” Ao passo que Freud responde: “Absolutamente nada, [...] estou muito mais interessado neste botão do que no que possa me acontecer depois de morto” (VIERECK, 1926, p. 5). Gozaria, Freud, de uma simplicidade que poderíamos chamar de mística? Uma experiência que escapa ao controle da consciência, um gozo Outro que não deseja reconhecimento, saberes, nada; melhor dizendo, um gozo não-todo fálico que se situa para além de qualquer apropriação?

Neste ponto da entrevista, Viereck, já situado em posição de analisante, se mostra um tanto quanto desconfortável com essa instigante conversa, dizendo: “Ao menos na superfície (...) a vida humana nunca foi mais complexa. E a cada dia alguma nova ideia proposta pelo senhor ou por seus discípulos torna o problema da conduta humana mais intrigante e mais contraditório.” (*idem*, p. 9). Freud justifica: “A psicanálise, pelo menos, jamais fecha a porta a uma nova verdade.” (*idem*, p. 10). Logo após, Viereck (1926, p. 10) faz “a pergunta que não quer calar”: “O senhor ainda coloca ênfase sobretudo no sexo?” Freud, sendo analista até o fim, responde na lata: “Respondo com as palavras de seu poeta favorito: mas tudo faltaria, se faltasse sexo!” (*idem*, p. 10). E acrescenta que hoje ele coloca ênfase no mais além, ou seja, na pulsão de morte.

Assim, passam a uma discussão sobre os rumos da psicanálise, na qual Viereck comenta que a literatura americana está impregnada dos conceitos psicanalíticos. E Freud demonstrará sensata preocupação: “Eu sei e aprecio o cumprimento que há nessa constatação. Mas tenho receio da minha popularidade nos Estados Unidos” (*idem*, p. 11).

Freud dirá que “[...] o interesse americano pela psicanálise não se aprofunda” e assegurará: “[...] pensam compreender algo da psicanálise porque brincam com seu jargão. Eu prefiro a preocupação intensa com a psicanálise que acontece na Europa. A América faz poucas contribuições originais à psicanálise. Eles são divulgadores inteligentes, mas raramente pensadores criativos” (*idem*, p. 11). Estaria aqui Freud, mais uma vez, se referindo a posições imaginárias? E agora justamente no meio psicanalítico?

E assim vai sendo encerrada essa peculiar entrevista entre o grande Freud, o pai da psicanálise e analista/entrevistado, e Viereck, o analisante/entrevistador. Este último, impressionado com a lucidez do analista, refletirá: “Freud tem que dizer a verdade a qualquer preço” (*idem*, p. 11). Assim como feito por Antígona, Teresa e, posteriormente, como fará Lacan, que tomam para si seus restos e fazem algo deles, para além do campo dos semblantes.

Deste modo, Freud sabendo estar situado em uma lógica muito distinta daquela na qual opera Viereck, apelará, pela última vez: “Não me faça parecer pessimista (...). Eu não tenho desprezo pelo mundo. Não, eu não sou pessimista. Não enquanto eu tiver meus filhos, minha mulher, minhas flores. Não sou

infeliz, ao menos não mais infeliz que os outros” (*idem*, p. 12).

Se fosse possível escolher entre todas as lições que Freud nos deixou, poderíamos dizer que a mais eloquente é a que ele tece através da sua própria experiência, sobretudo enquanto sujeito que deu vida à psicanálise e a fez perdurar até os dias atuais, deixando claro que o que permite que a psicanálise sobreviva no mundo é o desejo de saber, que não cessa e não se esgota, já que não há saber absoluto que obture a falta.

Outrossim, Freud (1915/1974) nos oferece a reflexão sobre a importância de fazer outra coisa para lidar com as pequenas e grandes mortes em vida e com todo o horror que isso causa no humano, advertindo-nos: “[...] se queres suportar a vida, prepara-te para a morte” (p. 301).

Juntamente com Freud, nós, psicanalistas em formação permanente do Corpo Freudiano – Núcleo Dourados, apostamos em um movimento incessante de insistência pela vida!

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1915) Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

JOHNSON, N. M. George Sylvester Viereck: poet and propagandist. *Books at Iowa*, v. 9, n. 1, p. 22-36, 1968.

KELLER, P. George Sylvester Viereck: the psychology of a German-American militant. *The Journal of interdisciplinary history*, v. 2, n. 1, p. 59-108, 1971.

LACAN, J. (1959-1960) *O seminário: livro 7, A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

LACAN, J. (1972-1973) *O seminário livro 20, Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LACAN, J. (1970) "Radiofonia" In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a.

LACAN, J. (1974) Televisão. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b. (Entrevista transmitida pela Radiodiffusion-Télévision Française (RTF) em 9 e 16/03/1974).

MAURANO, D. *Elementos da clínica psicanalítica Vol. 1* – O desejo e sua ética. Rio de Janeiro: ContraCapa. Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, 2018.

VIERECK, G. S. O valor da vida - uma entrevista rara de Freud, 1926. Trad. Paulo César Souza. In: *Bloco Mágico: Boletim Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise*. Número 3 – Outubro de 2017. Recuperado de <www.corpofreudiano.com.br/w/wp-content/uploads/2018/01/Bloco-m%C3%A1gico-n-3-2.pdf>.

VIERECK, G. S. *Men Into Beasts*. Nova York: Fawcett Publications, 1952.

JANAINA BIANCHI é Psicanalista; Diretora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Núcleo Dourados; Mestre e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise (PGPSA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

bianchijanaina2@gmail.com

O VALOR DA VIDA:

100 ANOS DE ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER NOTAS SOBRE A TRANSITORIEDADE E O VALOR DA VIDA

Por LAVÍNIA C. BRITO NEVES

“O Valor da Vida” mostrou-se um tema auspicioso. Lembro-me com muita vividez da ocasião da escolha para o tema do X Encontro. Encerramento do IX Encontro nacional do Corpo Freudiano no Rio de Janeiro, reunião das diretorias das Seções e Núcleos do Corpo. Embora fosse unânime ressaltar os 100 anos de *Além do Princípio do Prazer*, vários colegas se manifestaram contra dar à morte o primeiro plano, uma vez que o tema do Encontro de 2019 – *O mundo e o imundo* – já tinha contemplado demais a pulsão de morte em sua face destrutiva, de horror. Mas *Além do Princípio do Prazer* não fala só de morte, pelo contrário. A genialidade de Freud foi desvelar as duas forças que operam no aparelho psíquico e compõem o segundo dualismo pulsional: pulsão de morte e pulsão de vida. Assim, Marco Antonio nos brinda com uma lembrança preciosa: “O Valor da Vida”! Este é o título da entrevista de Freud ao jornalista americano George Sylvester Viereck, em sua casa de veraneio nos Alpes austríacos, em 1926 – aparentemente, a única entrevista concedida por ele. O título da entrevista é preciso para enfatizar a dualidade e o imbricamento fundamental da morte com a vida. A entrevista encontra-se na biblioteca

da Sociedade Sigmund Freud. Acreditava-se que estivesse perdida, mas foi publicada em versão condensada pelo *Boletim da Sigmund Freud Haus*, em 1976, após a versão original aparecer em um número especial do *Journal of Psychology* de New York, em 1957.¹

Enfim... “O Valor da Vida...” No final de 2019, não poderíamos imaginar o quanto este ano nos levaria a refletir sobre o valor da vida. O ano de 2020, com todas as suas vicissitudes, nos impôs o trabalho psíquico de lidar com a fragilidade da vida e as contribuições que a psicanálise tem a dar. Segundo os psicanalistas Marco Antonio Coutinho Jorge, Denise Maurano e Macla Nunes (2020), em um trabalho primoroso recém-publicado na *Revista de Psicopatologia Fundamental*, mas que já ressoa em nossos ouvidos desde a fundação do Núcleo Brasília, a pandemia nos colocou diante de dimensões e afetos dos sujeitos que se traduzem a partir de alguns significantes: “medo, perplexidade, negacionismo, aturdimento e luto”. O real do vírus, impossível de simbolizar, por sua invisibilidade, por sua imprevisibilidade, nos colocou em xeque. Fomos confrontados com um perigo externo, relativo ao risco de contaminação, mas também com nossos

¹ Há várias versões e traduções, eu usei uma versão que saiu no Bloco Mágico, Boletim interno do Corpo Freudiano, em outubro de 2017.

inimigos internos. A impotência gerada por esta situação extrema aciona nosso desamparo fundamental e produz angústia. Nossa sobrevivência não depende apenas de nós mesmos. Durante o ano de 2020, não se tratou apenas de autopreservação, mas de uma cadeia em que a vida de cada um dependeu do cuidado do outro e com o outro. A necessidade de nos cuidarmos, implicando na impossibilidade de nos encontrar, de velar nossos mortos, de elaborar as perdas, em oposição à ditadura do capital, nos confrontou com uma terrível questão: o que vale mais, “a bolsa ou a vida?” As divergências e as atrocidades presentes nas falas de algumas autoridades – supostamente as referências simbólicas nas quais deveríamos buscar algum tipo de ancoramento e apaziguamento nos momentos de crise, assim como a impotência da ciência escancarou o furo no saber. Mas na verdade, ninguém sabia nada: desde quanto tempo tudo isso ia durar, exatamente o que fazer, qual a letalidade do vírus, como ele sobrevivia nas diversas superfícies, dentre outras incertezas.

De início, a única coisa que sabíamos, as únicas coisas que podíamos fazer resumiam-se em dois pontos: tomar cuidados redobrados com nossa higiene pessoal e higienização em geral e evitar o contato social – isolar-se, pelo menos fisicamente. Embora fosse precipitado dizer que o isolamento por si só afeta a saúde mental, é fato que ele ativa questões subjetivas diferentes em cada um. A maneira como cada um lida com a situação de isolamento depende não só da grande variedade das constelações psíquicas em jogo – dos recursos simbólicos que cada um pode lançar mão neste momento – como também das condições inerentes ao

isolamento – em termos físicos relativos ao conforto, infraestrutura, condição de vulnerabilidade, enfim. Mas de uma maneira geral, é possível dizer que o isolamento tende a agravar estados mais delicados em termos de saúde mental. A angústia se fez onipresente, seja de forma aguda ou crônica. E segundo Freud, toda angústia é angústia de castração, ou seja, o que tememos é a perda. Perda de uma vida anterior à pandemia, perda da rotina, perda das pessoas, perda financeira, perda da liberdade... e a lista continua.

Fomos confrontados com a inexorabilidade do real, com a fragilidade da vida e com a ausência de perenidade em tudo que considerávamos consistente e permanente. Daí a transitoriedade, tema de um belíssimo ensaio de Freud, ganhar espaço e articulação não só com o tema do Encontro, mas também com o próprio momento em que vivemos.

Alguns pontos deste texto, intitulado exatamente *A transitoriedade*, são dignos de nota. Escrito em 1915, a convite da *Sociedade Goethe* de Berlim, o texto fez parte de um volume comemorativo - *O País de Goethe* - que contou com vários autores e artistas conhecidos para uma homenagem ao escritor alemão. A título de recordação, apresentarei brevemente o conteúdo do ensaio. Freud relata um passeio realizado nas montanhas Dolomitas, na Itália, em 1913, na companhia de um amigo e de um jovem poeta cujas identidades não ficam claras. Segundo Freud, o poeta admirava a beleza do que estava à volta sem, no entanto, expressar alegria, já que toda aquela beleza estava fadada à extinção. “Tudo aquilo que, em outra circunstância, ele teria amado e admirado, pareceu-lhe despojado de valor por estar fadado à transitoriedade” (FREUD,

1915). Neste texto, Freud reflete sobre como o humano lida com o furo, com a incompletude e apresenta duas posições distintas em relação aos efeitos subjetivos da caducidade e da efemeridade do que é belo. Por um lado, ele diz, pode conduzir ao desalento, o qual afetou o jovem poeta, mas, por outro, pode suscitar um sentimento de inconformismo em relação ao fato consumado. Ambas as reações, que em sua origem têm um desejo infantil de imortalidade, não são compatíveis com a realidade. Em última instância, Freud relaciona a impossibilidade de fruição daquilo que é transitório a uma antecipação do luto. Embora neste texto ele introduza o tema do luto, este só será desenvolvido de forma mais rigorosa em *Luto e Melancolia*, a ser publicado dois anos depois. É inegável a importância da relação que Freud estabelece entre a *transitoriedade* e a questão da *perda* e do *luto*, mas nosso objetivo aqui é tecer algumas considerações sobre um ponto particular desta relação, a saber: a articulação entre *transitoriedade* e *valor*.

A ideia defendida por Freud é de que o caráter transitório do que é belo não implica em uma perda de seu valor, mas, ao contrário, leva ao seu enaltecimento. “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo” (FREUD, 1915). Desta forma, o tema da transitoriedade se vincula diretamente com o tempo, já que esta qualidade se refere àquilo que é momentâneo, temporário, passageiro, e não permanente.

Assim, lidamos com categorias diferentes do aspecto temporal: além deste tempo do inconsciente, há o tempo cíclico da natureza, eternizado, por exemplo, em suas alternâncias entre dias e noites, invernos e

verões. E há também a flecha do tempo, que não para e distinta do tempo cíclico, eternizado da natureza; diz respeito ao tempo do humano, linear e finito e, por este motivo, implacável e irreversível. Não à toa, uma das representações mais comuns de Chronos é aquela em que ele devora seus filhos. Se Chronos é o senhor do tempo, criador de tudo que existe e pode findar, todos são de alguma forma filhos do tempo e inexoravelmente serão devorados por ele. A transitoriedade inclui tanto o tempo que transforma, trazendo mudanças, quanto o tempo que finda, e estes dois tempos se entrecruzam. Um ditado budista diz:

“Aqueles que se torturam com o calor do verão anseiam pela lua cheia do outono Sem nem mesmo temer a ideia De que então terão se passado, para sempre, mais cem dias da vida.”

Todavia, o aspecto transitório das coisas não acarreta necessariamente algo negativo. O tempo pode ser benevolente na medida em que possibilita o esmaecimento da dor; tempo para compreender e elaborar, processar psiquicamente. Os ditos populares trazem o saber leigo transmitido ao longo das gerações: “o tempo é o melhor remédio”; “é preciso dar tempo ao tempo”; “só o tempo cura as feridas”; “não há mal que sempre dure, nem bem que nunca acabe” – este último mostrando a inexorabilidade do tempo, para o bem e para o mal.

O tempo traz sabedoria. É isso que Freud nos indica com a frase que Viereck escolheu para abrir sua entrevista: “Setenta anos me ensinaram a aceitar a vida com serena humildade”.

Mas o que seria aceitar a vida? Aceitar a vida implica, sobretudo, abraçar sua dimensão

trágica, aspecto que se articula à ética da psicanálise na medida em que o que está em jogo não é o ideal, e sim o real. Denise Maurano destaca esta perspectiva que aproxima o trágico e a psicanálise. Tanto um quanto outro celebram a vida em todas as suas dimensões, inclusive em suas adversidades. Buscar destituir a vida do sofrimento seria amputar uma de suas dimensões fundamentais. A autora destaca ainda que “Se há uma afirmação da vida, é pelo valor intrínseco a ela mesma, valor esse que não recalca a relação com, e mesmo a fascinação pela morte (...)” (MAURANO, 2006, p. 57). Assim, trata-se da potência da vida, e seu valor está em abarcar tudo que ela comporta de bom e de ruim. Não à toa, na entrevista, Freud dá especial destaque ao fato de que amor e morte (Eros e Thanatos) andam de mãos dadas. Em suas palavras:

Assim como amor e ódio por alguém habitam nosso peito ao mesmo tempo, assim também toda vida conjuga o desejo de manter-se e um anseio pela própria destruição. Do mesmo modo como um pequeno elástico esticado tende a assumir a forma original, assim também toda matéria viva, consciente ou inconscientemente, busca readquirir a completa e absoluta inércia da existência inorgânica. A pulsão de vida e a pulsão de morte habitam lado a lado dentro de nós. A Morte é a companheira do Amor. Juntas, elas regem o mundo. Isto é o que diz meu livro Mais-além do princípio de prazer. No começo, a psicanálise supôs que o Amor tinha toda a importância. Agora sabemos que a Morte é igualmente importante. (VIERECK, 1926, p. 6).

A importância que Freud passa a dar à morte no segundo dualismo pulsional constitui, segundo Jorge (2020), um terceiro passo fundamental em sua teorização, em que o deslocamento do simbólico para o real se presentifica da forma mais potente na obra freudiana. Assim, não se trata de uma mera oposição pulsão de vida x pulsão de morte, mas de um imbricamento que aponta a

radicalidade do real enquanto núcleo do inconsciente, o mais além da representação que faz furo na própria representação. Em outras palavras, a morte enquanto algo que habita a vida e, nas palavras de Freud, acaba sendo o “objetivo derradeiro da mesma” (VIERECK, 1926, p. 6).

Mas Freud afirma que prefere a vida à extinção e adverte que a vida tem que completar seu ciclo de existência, pois a “lei do seu ser desaprova a via direta para o seu fim” (op. cit). A sabedoria de setenta anos parece que o ensinou também a reconhecer o valor das coisas mais simples, segundo ele: sua mulher, seus filhos, o pôr do sol, as plantas... Interessante que tanto no texto sobre a transitoriedade quanto em sua entrevista Freud se refere, mais de uma vez, às flores, e nada mais efêmero que a beleza e a vida das flores. No entanto, Freud não cansava de exaltar seu valor. Há que se ver beleza na transitoriedade, como ele destaca no belo texto de 1915. Inclusive, afirmou que se preocupava mais com o florescer de um botão que com a glória póstuma. O que acontece após a morte é incerto. Mais uma razão para valorizar a vida.

Apreciar “as coisas simples da vida” não é uma tarefa fácil, embora seja um *slogan* digno dos antigos comerciais de TV. Isto é para poucos. Segundo Maurano, a força do capitalismo reduz os objetos ao seu valor de mercadoria, avaliados segundo a quantidade abstrata de dinheiro que representam (MAURANO, 2013). A ilusão de completude faliciza os objetos e constitui um engodo que, pela via imaginária, promete obturar a falta constitutiva do falante. Esta promessa elide a castração e instaura um circuito neurótico em que o impossível é travestido de impotência. Não à toa, a neurose diz respeito também a uma

relação adoecida com o tempo: ou o neurótico está preso no passado ou ansiando pelo futuro.

A experiência psicanalítica permite tornar as coisas mais simples, pois, de acordo com Freud, após a análise, uma nova síntese acontece. Em suas palavras, na entrevista: “A análise fornece o fio que conduz a pessoa para fora do labirinto do seu inconsciente”. Para fora da neurose, eu diria, possibilidade de transitar para fora da neurose. É neste percurso que as coisas podem se delinear de uma maneira diferente para o sujeito. Não sem perdas, mas incluindo o real que está em jogo na própria experiência da vida, sem por isso deixar de ver a beleza que ela comporta.

Ao contrário do que afirmam seus companheiros na caminhada relatada por Freud, parece que, para ele, o valor da vida está justamente em seu aspecto transitório, e não apesar dele. A fruição das coisas boas da vida não deve ser descartada devido aos momentos de dor e de perda. Viver a vida como uma sucessão de prazeres não só é algo impossível como a própria experiência deixa de ser vivida desta forma. Como Freud aponta no “Mal-estar na civilização”, quando uma situação visada pelo princípio do prazer tem prosseguimento, isto resulta apenas em um morno bem-estar, o que ele corrobora com uma frase de Goethe: “Nada mais difícil de suportar do que uma série de dias belos” (FREUD, 1930, p. 31). Isso indica que o valor se encontra muito mais no contraste do que no estado de algo. O caráter transitório comporta o paradoxo de ser ao mesmo tempo uma maldição e uma dádiva. O corte no tempo, a descontinuidade, permite que se faça novos arranjos e impulse mudanças.

Viereck diz que ao se despedir, após a entrevista, Freud pede que ele não o faça parecer pessimista. O jornalista não parece acreditar nisso. Mas Freud não era um pessimista, era um trágico. E é por isso que a psicanálise se apresenta como um recurso que tem muito a contribuir neste contexto em que as referências estão abaladas e o real fura, mas também abre brechas, exigindo simbolização. Por não negar o real, nem buscar suturá-lo – como outros dispositivos da cultura – a psicanálise se mostra uma via privilegiada para acolher o sujeito e seu sofrimento, apostando que um espaço de fala seja transformador e possibilite que todo esse horror seja também transitório, que todo esse horror possa também passar.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1914) A transitoriedade. In: *Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12.
- FREUD, S. (1915) Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In: *Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12.
- FREUD, S. (1919) Além do princípio do prazer. In: *História de uma neurose infantil (“O Homem Dos Lobos”), Além Do Princípio Do Prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras: 2010. v. 14.
- FREUD, S. (1930) O mal-estar na civilização. In: *O mal-estar na civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras: 2010. v. 18.
- JORGE, M. A. C. *Terceiro passo de Freud: do Simbólico ao Real*, comunicação no Seminário “O lugar do passe livre”, no Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, 2020.
- JORGE, M. A. C.; MAURANO, D.; NUNES, M. Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimiento - e luto: afetos do sujeito da pandemia. *Revista latino-*

americana de psicopatologia fundamental, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 583-596, set. 2020.

MAURANO, D. *A face oculta do amor: a tragédia à luz da psicanálise*, Rio de Janeiro, Juiz de Fora: Imago/Editora da UFJF, 2001.

MAURANO, D. *Pra que serve a psicanálise?*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

MAURANO, D. Da cena trágica à cena analítica. In: *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, jul./dez. 2013.

VIERECK, G. S. O valor da vida - uma entrevista rara de Freud, 1926. Trad. Paulo César Souza. In: *Bloco Mágico: Boletim Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise*. Número 3 – Outubro de 2017. Recuperado de <www.corpofreudiano.com.br/w/wp-content/uploads/2018/01/Bloco-m%C3%A1gico-n-3-2.pdf>.

LAVÍNIA C. BRITO NEVES é Psicanalista; Diretora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Núcleo Barra Mansa; Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

laviniaacbn@gmail.com

AMAR, CONSTRUIR, TRANSMITIR

Por ROSANA COELHO

Fala proferida em 27 de outubro de 2020
No ato de fundação do Núcleo Porto Alegre
do Corpo Freudiano Escola De Psicanálise

Estar à frente do Núcleo Porto Alegre do *Corpo Freudiano Escola de Psicanálise* é um desafio imenso. E eu gosto de desafios. Tanto mais quanto eu os inauguro na companhia de pessoas especiais como os colegas que hoje dividem comigo esse momento. O que nos enlaça está, sem dúvida, muito além de qualquer sobrenome institucional. O que nos enlaça é o amor pelo estudo e pela transmissão de um saber que Freud deu o nome de Psicanálise. E “no começo da psicanálise está a transferência” (LACAN, 1967, p. 252). Essa frase é de Lacan, e ela é proferida em sua *Proposição de 9 de outubro de 1967* sobre o psicanalista da Escola.

Nesse encontro, em que celebramos a fundação do Núcleo Porto Alegre, podemos parafrasear Lacan e dizer que no início da fundação de um Núcleo que compõe uma Escola de Psicanálise está a *transferência de trabalho*. Expressão forjada por Lacan, ela indica o modo de vinculação entre os analistas de uma Escola, tendo o saber teórico como elemento terceiro nesse vínculo. E me parece que Lacan pretendeu dar a essa expressão sua maior clareza quando impôs um deslizamento de sentido,

ao que ele mesmo proferiu nas conferências em que teorizou sobre a instituição analítica e a formação do psicanalista. Pois, se no ato de fundação (LACAN, 2003) de sua Escola, em 1964, ele afirma que “o analista só pode se autorizar por si mesmo”, mais tarde, reformula o seu dito e enuncia que o analista só se autoriza por si mesmo e por alguns outros.¹

Tão avesso aos ditames imaginários do saber suposto sem falhas, quanto zeloso pelo rigor da construção teórica, Lacan bem cedo se preocupou em dar à formação analítica os mesmos contornos que deu à teoria e à técnica com as quais o analista trabalha na clínica.

Na primeira conferência em que ele aborda a formação do analista, datada de 1956, afirma que na experiência analítica, não só a clínica como também a teoria, se esclarecem ao tomarmos os termos definidos por Freud não como preceitos, mas como conceitos (LACAN, 1998). Lançando mão do seu estilo irônico para criticar a idealização que produzia analistas em série naquele momento da história da Psicanálise, ele retoma o que Freud postulou sobre o desserviço do narcisismo das pequenas diferenças para criticar o “ideal de suficiência encarnada”, argumentando que

¹ Refiro-me à passagem na qual Lacan, falando sobre o ser sexuado só poder se autorizar ancorado no olhar do outro, também localiza aí a posição do analista ao autorizar-se em sua práxis. Na versão em espanhol: “Porque al autorizar-se

sólo por sí mismo él no puede con ello sino autorizarse también por otros”. *Seminário 21 - Los incautos no yerran (Los nombres del padre)*. Classe II de 9 de abril de 1974. Versão digital.

tal ideal se alimenta do “terror conformista” e termina por produzir “cães fiéis e homens tirânicos” (LACAN, 1998, p. 493).

São palavras que me parecem precisas, e com elas Lacan nos alerta sobre os destinos do saber nas instituições analíticas, destinos que, de forma alguma, estão dissociados da ética e da política com as quais esse saber é tecido. Aqui, claro, Lacan é freudiano, como ele próprio se intitulou, pois vem de Freud a nobreza de se ocupar energicamente de preservar a psicanálise das garras de discursos monopolistas, de preservá-la de esposar um único dono, em um momento em que a medicina tentou ser o seu Senhor. Naquele momento, no bojo da discussão sobre a formação básica necessária ao psicanalista, estava certamente o desejo de monopólio sobre o saber que embasaria essa formação. E Freud foi perspicaz o bastante ao requerer a laicidade que a psicanálise merece, para que sua ética continue sendo, sobretudo, uma ética de respeito e reconhecimento da diferença.

Retornando a Freud também nesse campo, Lacan foi ajustando as balizas com as quais foi pensando a formação do analista. Em 1967, ele será ainda mais preciso ao dizer que existe um real em jogo na própria formação do psicanalista, real que funda a instituição psicanalítica. Ou seja, se o real é a bússola do analista na técnica e na ética que encorpam a condução de uma análise, na sua permanente formação é a mesma bússola que deve lhe guiar.

E o real em jogo, aqui, é a expressão cristalina do não saber que vitaliza o *desejo*

de saber, desejo que Lacan propõe ser a companhia mais ilustre que um analista pode ter ao seu lado. Não se trata, como afirma Lacan, do *desejo de tudo saber*, mas do desejo de saber que tensiona a *paixão da ignorância* com a qual se alimentam os mestres apaixonados por palavras definitivas, aqueles que não abrem mão de encarnar o sujeito do saber exposto, surfando nas ondas do imaginário para denegar que todo sujeito é sujeito a um saber suposto.

Como apontam Sônia Leite e Marco Antonio Coutinho Jorge², em dois artigos em que pensam a formação do analista, é o desejo de saber que faz laço e engendra o coletivo de analistas que compõem uma Escola. E é também o desejo de saber que fomenta o *desejo do analista*, desejo de causar o desejo do paciente para que a análise aconteça. Desde essa perspectiva, cabe à instituição analítica ser um lugar que fomente a permanente experimentação e reinvenção do saber analítico, que promova a construção desse saber em bases não dogmáticas e calcadas no reconhecimento entre os pares.

No texto *Construções em análise*, Freud (1937) nos fala que a construção feita pelo analista, a partir do que ele escuta do paciente, é sempre inconclusa e precária; e, principalmente, o seu valor é diretamente proporcional ao efeito de sentido que o paciente atribui àquilo que o analista constrói e lhe transmite. Tal construção se serve dos resquícios da verdade histórica que sobreviveram ao recalque, esse modo peculiar de não saber que Freud nos

² Remeto o leitor, respectivamente, aos artigos de Sônia Leite “O psicanalista *amador* e os três desejos. Sobre o desejo do analista” e de Marco Antonio Coutinho Jorge “O desejo de saber como laço entre analistas. Um comentário sobre ‘Nota

Italiana””. In: JORGE, M. A. C. (org.) *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa; Corpo Freudiano: Rio de Janeiro, 2018.

transmitiu em suas teorizações sobre o inconsciente. O que Freud nos mostra nesse texto é que embora o analista se utilize da teoria e da verdade histórica de cada paciente, para construir uma interpretação e transmiti-la, haverá sempre um não saber em jogo que se coloca não só do lado do paciente, mas também do lado do analista que o escuta.

Tanto Freud quanto Lacan ressaltaram o elo fundamental entre prática clínica e formação teórica. Penso que a construção da teoria está refletida no modo singular com que cada psicanalista manuseia a teoria psicanalítica para dar contorno a determinado objeto teórico. A construção teórica possível a cada analista será, a cada momento e sempre, devedora do seu percurso de estudos, tanto quanto do não saber em causa nesse percurso e a relação que ele, o analista, mantém com essas duas facetas do saber analítico.

Como Lacan insistiu durante todo o seu ensino, na experiência analítica, - seja aquela que tem lugar na prática clínica, seja a que tem lugar na transferência de trabalho - construção e transmissão estão costuradas pelo impossível de tudo saber, o que ele disse, por exemplo, ao discriminar transmissão e ensino, com as seguintes palavras: “só posso ser ensinado à medida de meu saber” (LACAN, 2003, p. 304). Dito que, ao meu ver, nos remete ao incessante movimento de reinvenção da psicanálise como um saber teórico que não quer enamorar-se da ortodoxia. Não por acaso, Freud nos legou o apontamento de que cada caso é um caso, e Lacan insistiu na recomendação de que cada analista deve (re)inventar a psicanálise. Esses ditos, penso eu, podemos lê-los como uma observação de que construir e transmitir, em psicanálise,

implica arriscar a ocupação de um lugar de invenção e autoria,

Tendo me escutado até aqui, talvez o leitor esteja se perguntando, mas e o amar?

Ah, o amar, ou melhor, o substantivo que corresponde ao amar, que é o amor, está presente em cada palavra que pronunciei até aqui. Como o afeto generoso que ele é, ele uniu as palavras da minha fala, mas ficou quietinho até agora, aguardando a sua hora de entrar em cena.

Em *Fragmentos de um discurso amoroso*, Roland Barthes (1981) inicia sua escrita com uma frase que podemos qualificar de amorosa: “A necessidade desse livro se apoia na seguinte consideração: o discurso amoroso hoje em dia é de uma extrema solidão. Este discurso talvez seja falado por milhares de pessoas, mas não é sustentado por ninguém” (BARTHES, 1981, p. 9). O livro de Barthes foi publicado pela primeira vez em 1977, mas ousou dizer que uma breve olhada em nosso cenário sociopolítico contemporâneo nos indica que sua observação sobre a solidão do amor não soa em nada anacrônica.

E seu dito me inspira e me lembra que no começo da psicanálise está o amor. Frau M. Von N., uma das primeiras pacientes de Freud, o advertiu quando ele não lhe deu espaço para falar de seus sintomas. “Cale-se e me escute!”, disse a paciente. Freud (1893-1895) ouviu e acolheu a sua demanda. Nesse ato, causou o seu desejo e cativou o seu amor - esse afeto que nasce com a demanda, que perdura e se entremeia nas vicissitudes do desejo.

Talvez possamos dizer, em linhas gerais, que a prática de todo ofício requer a companhia do amor. O ofício do psicanalista não é

exceção, embora ele requeira, como exceção fundamental, que o analista não se cubra com o manto do amor ao saber. Tanto Freud quanto Lacan nos alertaram sobre as armadilhas nas quais o amor ao saber pode nos capturar. E como analistas, é de bom augúrio estarmos advertidos quanto a isso. Mas, ao teorizar sobre a angústia, Lacan aproximou o amor do desejo, identificando a falta como algo “em comum” aos dois. Ora, só onde há falta algo pode nascer e vicejar.

Concluo, compartilhando com o leitor o que me concerne singularmente em relação ao desejo de fundar o Núcleo. Ao contar sobre esse desejo ao colega Marco Antônio Coutinho Jorge, escutei algo que ecoou para além do acolhimento de uma demanda: “Um desejo compartilhado”, foi o que eu ouvi e que para mim teve o valor de um encontro. E nada mais sublime e encorajador que um encontro pela via de desejos compartilhados. Que as cores e as luzes desse encontro se repitam em muitos outros encontros, com outros que vierem compor o

Núcleo Porto Alegre, é o que eu mais desejo agora.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

FREUD, S. (1893-1895). Estudos sobre a histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v. 2.

FREUD, S. (1937). Construções em análise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. 23.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, J. Ato de fundação. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, J. Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. Alocução sobre o ensino. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROSANA COELHO é Psicanalista; Diretora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Núcleo Porto Alegre; Pós-doutora em Psicanálise – Clínica e Cultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; Doutora em Psicanálise – Clínica e Pesquisa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; Professora na Graduação e Pós-graduação em Psicologia.

psi.rosana@gmail.com

SOBRE CONSTRUIR E HABITAR

Por SONIA LEITE

Fala proferida em 27 de outubro de 2020
No ato de fundação do Núcleo Porto Alegre
do Corpo Freudiano Escola De Psicanálise

Boa noite a todos e a todas. É com muita alegria que agradeço a Rosana Coelho pelo convite para fazer parte desse momento tão especial de fundação do primeiro Núcleo do *Corpo Freudiano* no sul do Brasil na companhia de Marco Antonio Coutinho Jorge, Laéria Fontenelle, Mario Eduardo Costa Pereira e Claudia Andrade.

O tema “*Amar, Construir, Transmitir*” foi para mim extremamente convocativo, tendo-se em vista que o nosso momento social tem sido, constantemente, atravessado pelo *odiar* e pelo *destruir*. E quando predomina o ódio e a destruição, sabemos que se impossibilita, exatamente, uma transmissão, pois, *transmitir* é um ato que tem relação com a permanência de um legado ao longo do tempo. Exalto, portanto, esse momento de fundação do *Corpo Freudiano* em Porto Alegre porque, antes de tudo, é a reafirmação de um legado, oriundo da psicanálise e de sua ética.

O tema-título — *Amar, construir, transmitir* — me levou, especialmente, a pensar no significante *construir*, e a retomar dois trabalhos que divido brevemente com vocês.

O primeiro trata-se de uma conferência do filósofo Heidegger(1954), que muito influenciou Lacan, denominada “Construir,

habitar, pensar” e o segundo, o importante trabalho freudiano “Construções em análise (1937)”, quando considera uma nova perspectiva para a prática psicanalítica; perspectiva essa que surge num período posterior à introdução da hipótese da pulsão de morte e do seu segundo dualismo pulsional.

A temática do texto de Heidegger me parece extremamente pertinente para esse momento. Para o filósofo, nem todo habitar se refere a uma “residência” e nem tudo que se constrói permite, por sua vez, um lugar para se habitar. Ele interroga: Será que nas “habitações” necessariamente “se habita?” Considera que a princípio todo construir tem como fim o habitar, em outras palavras, se lhe impõe como *fim* o habitar, mas isso não necessariamente ocorre.

Sua preocupação no referido trabalho é mostrar as articulações originárias entre os termos *construir* e *habitar*. Sublinha que inicialmente, no alto alemão antigo, a palavra utilizada para construir, *buam*, significaria *permanecer, morar*. Ou seja, o sentido originário de *construir* seria o mesmo que *habitar*. A raiz da palavra *buam*, também, se atrelaria ao verbo *ser*. Assim, a conjugação: *eu sou, tu és...* teria o mesmo sentido que: *eu habito, tu habitas...* Destaca, dessa forma, que a antiga palavra *buam* (construir) sublinha que o sujeito humano É, ao mesmo tempo e na mesma medida em

que HABITA. *Ser e estar* sobre a terra, seriam, portanto, um e mesmo ato habitual.

Considera que esse esquecimento — nós diríamos *recalque* — em torno do termo *habitar* em suas articulações com o termo *construir* indica uma verdadeira transformação na própria experiência do *habitar*, onde o *habitar* não mais se conjugaria ao *ser* do humano. Tal separação traz, também, consequências na própria ação de pensar com efeitos no *estar no mundo*. Em outras palavras, construir, habitar e pensar constituem uma espécie de nó heideggeriano possibilitador do *ser/estar no mundo*, e sua disjunção não seria sem efeitos nas relações do ser no mundo.

Assim temos: 1.) *construir* é propriamente *habitar*; 2) *habitar* é o modo como os mortais são e estão sobre a terra; 3) No sentido de habitar, construir desdobra-se em duas acepções: *construir*, entendido como *cultivar* o crescimento das coisas e construir, no sentido de *edificar* coisas e construções.

Sua conclusão é que não habitamos porque construímos, mas construímos porque, simultaneamente, habitamos. Continua considerando que *construir* e *habitar* é o mesmo que ser trazido à *paz de um abrigo*. Trata-se também de *permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento*. Pertencer e resguardar cada coisa em sua essência própria. O traço fundamental desse modo de habitar-construindo é, então, esse resguardo humano de um *de-morar-se* dos mortais sobre essa terra. O ser e o tempo é um tema caro a Heidegger.

Tudo isso invoca um tempo próprio de criação-construção que convoca a temática do sujeito na psicanálise. Porque nesse sentido, construir, como indica, não é

meramente *produzir algo*, mas, efetivamente, cultivar, cuidar do crescimento dando tempo aos frutos.

A palavra *construir* contém assim a ideia de uma *reunião integradora* entre os sujeitos humanos e o divino/sagrado. Se relaciona, também, à ideia de edificação e produção de novos lugares que propiciam o que denomina de *estância* e *circunstância*.

Considera que existe uma crise na experiência do habitar na atualidade. A crise do habitar, aqui, não é simplesmente *uma crise de habitação* (apesar de que essa também se evidencia na atualidade), mas o fato de que as pessoas desaprenderam de *habitar construindo*.

Se como indica a psicanálise com Lacan, habitar é habitar a linguagem, tornando-se sujeito de uma fala própria, construir, também, envolve necessariamente uma apropriação da linguagem a partir do reconhecimento do Outro como alteridade marcada por uma falta fundamental. Pode-se dizer, seguindo Lacan (1959-60), que é porque existe um vazio em torno do qual o conflito se estabelece que pode surgir uma *construção* nesse lugar.

As “construções” em análise se revestem assim de um sentido que, também, inclui o sentido do habitar. Ou seja, *construir* é construir lugares para que a experiência de pertencimento se estabeleça, viabilizando a emergência do sujeito.

Freud, ao introduzir a hipótese da pulsão de morte, em 1920, nos coloca diante de um paradoxo presente na existência humana: a pulsão de vida produz movimento libidinal, unificação e edificação em unidades cada vez mais complexas e que têm no amor a sua afirmação vital por excelência; enquanto

que a pulsão de morte é uma tendência originária, arcaica que visa à inércia e, conseqüentemente, à extinção da pulsação da vida. Trata-se da presença do não representável que atravessa a vida na forma do traumático. Freud afirma que a subjetividade se constituiu a partir de um amálgama da pulsão de vida com a pulsão de morte que em diferentes proporções, segundo as circunstâncias, possibilitam ou não uma barreira para essa tendência à inércia absoluta.

Considera que dificilmente encontraremos a pulsão de morte em estado puro. Mas o fato é que a psicanálise nos coloca diante de uma evidência de que aquilo que se apresenta no mundo na forma de uma tendência à destruição, ao ódio e a morte também faz parte do humano.

Com Lacan, sabemos que é o campo simbólico da linguagem e do sentido aquilo que nos permite fazer frente à emergência do não representável na vida humana. Entendo que é esse o espírito do artigo freudiano “Construções em análise” (1937), que aponta para a necessidade de insistência na edificação de lugares simbólicos para que o sujeito possa habitar a vida, se apropriando de sua história.

O trabalho das *construções*, que ocorre simultaneamente às interpretações do analista, é aquele que melhor parece corresponder à perspectiva clínica depois da consideração da pulsão de morte. Freud distingue *interpretar* de *construir*, considerando que a interpretação é a intervenção do psicanalista que se dirige para um elemento do discurso do analisante, como um ato falho, por exemplo. O ato falho enquanto uma das formações do inconsciente, juntamente com os sintomas,

sonhos e chistes, corresponde ao retorno do recalado. Ou seja, aquilo que, em algum momento, foi representado simbolicamente poderá, por isso mesmo, enquanto traço significante sofrer o destino do esquecimento, tornando-se inconsciente. A presença do analista, enquanto atualização do inconsciente, por sua vez, favorece a emergência desses traços inconscientes que podem, pela via da interpretação, serem apropriados pelos analisante.

A necessidade das *construções* em análise, em contrapartida, indica a presença de algo impossível de se saber, porque nem tudo que foi experimentado na história precoce foi simbolizado, significado. Exige-se, aqui, um trabalho conjunto do analista com o analisante.

Afirmar a necessidade das construções durante a análise significa, portanto, reconhecer a presença desse arcaico não representável na vida humana, fato que convoca a uma necessidade radical de invenção de sentidos, a partir do laço da transferência. Ou ainda, torna-se imperativo construir edificações que possam sustentar um lugar para o sujeito habitar.

A análise se torna, assim, uma ação de construir lugares onde o sujeito se reconheça, de modo a apropriar-se de sua existência. Seguindo, assim, a ideia lacaniana de que o que uma análise nos ensina é um *saber fazer* com o não representável que atravessa a vida humana, podemos afirmar que a clínica psicanalítica aposta no *ato de construir*.

O *Corpo Freudiano*, enquanto Escola em sua proposta de formação de psicanalistas, tem apostado no ato de construir mesmo nos momentos mais adversos, como este em

que vivemos. Ato que funda e faz nascer hoje mais um Núcleo de trabalho do *Corpo Freudiano*. Construção que se enlaça borromeanamente com os verbos *Amar e Transmitir*.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977..

FREUD, S. (1937). Construções em análise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: *Ensaio e Conferências*. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2002.

LACAN, J. (1953) Lugar e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, J. (1959-60). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

LEITE, Sonia. Habitar, construir, existir: algunas consideraciones sobre el cuerpo en las psicosis. *Revista latino-americana de psicopatología fundamental*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 214-224, junho 2016.

SONIA LEITE é Psicanalista; Coordenadora da Secretaria de Ensino do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro; Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio.

soniacleite@uol.com.br

INFORMES

Núcleo Brasília (DF)



**CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE**

Brasília
núcleo

em boa companhia

aula inaugural
Formação Básica

A formação do
analista

19:30 **01.MAR.2021**

Marco Antonio Coutinho Jorge

Seção Rio de Janeiro (RJ)



**CORPO
FREUDIANO
RIO DE JANEIRO**

AULA INAUGURAL - FORMAÇÃO BÁSICA

Sobre a formação do psicanalista e a Escola
Sonia Leite, psicanalista Seção Rio

O desejo do psicanalista e a psicanálise com crianças
Teresinha Costa, psicanalista Seção Rio

1º DE MARÇO DE 2021 | 19 HORAS
ZOOM 864 4664 2184 - SENHA 1234

Núcleo São Paulo (SP)



PAIXANALITICOM

A Clínica Psicanalítica na Interface com as Artes

Coordenação: Daniel Hamer Roizman.

Meio de Transmissão: Plataforma Zoom

Frequência: quinzenal.

Quando? Duas vezes por mês, às segundas-feiras.

Horário: das 10h30 às 12h00.

Início: 08.03.2021.

Término: 28.06.2021.

Investimento: R\$ 60,00 por encontro.

Pré-requisito: possuir análise em andamento ou concluída;

possuir experiência clínica; ter atuação como psicanalista

ou ser profissional da saúde;

passar por entrevista individual com o coordenador.

Contato, informação e inscrição:

Enviar e-mail para o Acolhimento, declarando-se

“interessado(a) em PAIXANALITICOM”,

deixando seu nome e o número de seu telefone.

O passo seguinte lhe será informado pelo

Acolhimento ao responder ao seu e-mail.

Acolhimento: cfsp_acolhimento@corpofreudiano.com.br

Informações no nosso site e página no Facebook:

www.corpofreudiano.com.br/w/nucleo-sao-paulo

[@corpofreudianosao paulo](https://www.facebook.com/corpofreudianosao paulo)

ACONTECIDOS



Núcleo Porto Alegre (RS)

O NÚCLEO PORTO ALEGRE
do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise
convida para o Evento de Fundação



Amar. Construir. Transmitir

Com a participação dos psicanalistas



Rosana Coelho



Marco Antonio Coutinho Jorge



Laéria Fontenele



Mário Eduardo Costa Pereira



Sônia Lelle



Cláudia Andrade

O dia: 27 de outubro de 2020
O horário: 19h30min
O local: Plataforma Zoom
ID 847 9942 2878 Senha 1234
Atividade aberta ao público

Núcleo Dourados (MS)

Núcleo Dourados

Convida

Freud e Uiereck:
Modalidades de gozo e
rumos da psicanálise.

Trabalho Apresentado no:

X encontro nacional e X colóquio internacional "O valor da
vida, 100 anos do além do princípio do prazer".

**16/02/2021 | 16:00 - horário de MS
17:00 - horário de RJ**

Atividade aberta via Zoom ID: 878 5089 0659 senha: 339080

Seção Paris (Fr)

dimanche 7 février 2021/14H-16H
La relation d'amour



CORPO FREUDIANO PARIS

Inscription Zoom @: corpofreudiano@freefr

Dimanche 7 février 2021 de 14 h 00 à 16 h 00 sur ZOOM

Laboratoire du concept : La relation d'amour

sur ZOOM cliquez ICI : <https://us02web.zoom.us/j/4731577877>

Lors de cette rencontre chaque participant est invité à interroger à sa façon le concept en question. Chacun pourra, en se plaçant justement à l'écoute de la parole des autres, s'exprimer, poser ses questions et donner des suggestions à partir de sa propre expérience d'analyste, d'analysant et de vie.

Voici les dates des prochaines rencontres :

- 2^e laboratoire : 10 janvier 2021 : La différence sexuelle
- 3^e laboratoire : 7 février 2021 : La relation d'amour
- 4^e laboratoire : 21 mars 2021 : La passion
- 5^e laboratoire : 11 avril 2021 : La répétition
- 6^e laboratoire : 16 mai 2021 : Le bonheur (date à confirmer)
- 7^e laboratoire : 20 juin 2020 : La jouissance

Le désir de l'*Association Corpo Freudiano* est de redonner à ces concepts leur force actuelle, vivante. « La pensée de Freud est la plus perpétuellement ouverte à la révision. C'est une erreur de la réduire à des mots usés. Chaque notion y possède sa vie propre... » J. Lacan, *Les écrits techniques de Freud*, 1953-1954.

Contactez CFP par e-mail : corpofreudianoparis@gmail.com

Nous optons donc encore de nous retrouver en ligne, grâce à la plateforme ZOOM. Il faudra charger ZOOM, si vous ne l'avez déjà fait (<https://zoom.us/download>) est cliquez sur le lien suivant : <https://us02web.zoom.us/j/4731577877>

Núcleo Teresópolis (RJ)

Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Núcleo Teresópolis

**O DESEJO DO ANALISTA
NA CLÍNICA DO LUTO**



Marco Antonio Coutinho Jorge

Psicanalista, escritor e fundador do
Corpo Freudiano Escola de Psicanálise
Seção Rio de Janeiro.
Professor do programa de Pós-Graduação
em Pesquisa e Clínica em
Psicanálise da UERJ

Sábado
20 de Fevereiro
9h30

Gratuito
Aberto ao público
Via Zoom
ID: 925 342 3940
Senha: 123456

Núcleo Nova Friburgo (RJ)




ESCOLA DE PSICANÁLISE CORPO FREUDIANO
NÚCLEO NOVA FRIBURGO

Marco Antonio Coutinho Jorge

AULA INAUGURAL
MÓDULO TRANSFERÊNCIA
E REPETIÇÃO

SÁBADO | 06/02
09:00 - 11:00 | VIA ZOOM

Seção Belém (PA)



CURSO DE FÉRIAS

**PSICOSE: DA PSIQUIATRIA
À PSICANÁLISE**

MINISTRANTE:
FRANCISCO FRAZÃO
PSICANALISTA
SÃO LUÍS - MA

CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE
PSICANÁLISE
SEÇÃO BELÉM

14, 21, 28 JAN
04 FEB
20H ÀS 21H30

Seção Campos dos Goytacazes (RJ)

CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE
SEÇÃO CAMPOS DOS GOYTACAZES / RJ

CONVIDA



SEMINÁRIO
**"CONSIDERAÇÕES SOBRE
A ARTE E O REAL"**

04 De fevereiro
(quinta-feira)
às 20h



Coordenado por Vívian Ligeiro
(Corpo Freudiano do Rio de Janeiro)

Atividade Aberta via zoom

ID: 247.630.456
Senha: 027367

Seção Rio de Janeiro (RJ)

Caros colegas,

Convidamos a todos para os **Encontros LiteroMusicais** do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção RJ que ocorrerão nos dias 12, 19 e 26 de janeiro de 2021, terça-feira, às 19h30, pela plataforma ZOOM.

Nesses Encontros compartilharemos um pouco de ARTE através de apresentações de textos, poemas e música.

As inscrições devem ser feitas através do e-mail riodejaneiro@corpofreudiano.com.br até a semana anterior à data desejada para participação.

Solicitamos que sejam enviados nome, telefone, título e conteúdo da apresentação.

Org.: Camila Grasso, Macla Nunes e Vivian Ligeiro

Evento aberto!

ID ZOOM: 820 6267 8876

Senha 1234



ENCONTROS LITEROMUSICAIS

12, 19 e 26 de janeiro de 2021

terças-feiras, 19:30 horas

Venha compartilhar um pouco de arte em forma de textos, poemas e música.

"A poesia não seria o que extrai o significante do código léxico para alçá-lo ao ponto de onde o não-sentido, próprio da música, dá a ouvir o que tem de inaudito" Alain Didier-Weill, 1999

Org.: Camila Grasso, Macla Nunes e Vivian Ligeiro

Evento aberto!

ID ZOOM: 820 6267 8876

Senha 1234



CORPO FREUDIANO RIO
DOIS ENCONTROS SOBRE
O VAZIO INTERIOR
AS "PERSONALIDADES COMO SE"
DE HELEN DEUTSCH A JACQUES LACAN
MARCO ANTÔNIO COUTINHO JORGE

2 E 9 FEV 2021 | 19H30
ZOOM 898 7691 0476
SENHA 1234